

Agostinho e a opinião dos *graeculi* acerca dos movimentos da alma

Julia Maia Peixoto Camargo

Doutoranda em Filosofia na USP

Bolsista da CAPES

<http://lattes.cnpq.br/2411597391192156>

juliamaiapc@gmail.com

51

Esta comunicação propõe examinar a crítica de Agostinho às concepções platônica, aristotélica e estoica sobre os movimentos da alma, conforme expostas no livro IX da *Cidade de Deus*. Apesar das divergências iniciais, Agostinho reconhece entre essas tradições afinidades fundamentais. Em tom sarcástico, observa: “há muito tempo que a controvérsia de palavras atormenta estes ‘pequenos gregos’, mais ávidos de disputa do que da verdade” (Agostinho, 1993, p. 832). Seu intuito parece ser o de aproximar tais doutrinas para, então, confrontá-las com a perspectiva cristã a respeito do tema.

O primeiro passo dessa análise consiste na reunião do vocabulário transmitido pelas traduções latinas para designar os movimentos da alma que os gregos chamavam *pathé* [πάθη]. Agostinho utiliza os termos *perturbationes* (Cícero), *affectus* e *affectiones* (Quintiliano e Lactâncio), bem como *passiones* (Apuleio), tratando-os aqui como sinônimos, embora considere este último o mais adequado. A pergunta que orienta sua reflexão é clara: essas perturbações, afecções ou paixões atingem o sábio ou este permanece livre delas?

Para platônicos e aristotélicos, sim: mesmo o sábio é suscetível às paixões, ainda que as submeta à razão. Para os estoicos, ao contrário, o sábio permanece imperturbável. A esse debate Agostinho acrescenta um argumento decisivo extraído de um episódio narrado no livro XIX das *Noites Áticas*, de Aulo Gélcio. Durante uma travessia marítima em meio a uma tempestade, um filósofo estoico empalidece de medo. Interpelado, recorre aos ensinamentos de Epiteto para distinguir entre o movimento involuntário da alma e o consentimento racional. Eis a diferença entre o sábio e o insensato: este cede às paixões e lhes dá assentimento, enquanto aquele, embora as experimente, conserva imperturbável o juízo sobre o que deve ser evitado.

Assim, Agostinho conclui haver, entre as opiniões estudadas, um ponto comum: a alma que resente não necessariamente consente; ou seja, na alma do sábio não prevalecem as paixões, mas, ao contrário, reinam a razão e a virtude. Ocorre, porém, uma inflexão decisiva: seria todo movimento da alma indesejável, qualquer que seja a circunstância? A questão desloca-se: o problema não está apenas na afecção em si, mas no uso que dela se faz. A presença da paixão não implica vício, nem sua ausência garante virtude. O critério moral passa da impassibilidade à ordem do amor (*ordo amoris*): importa saber se, mesmo afetada, alma se deixa conduzir pela razão e pela caridade.

Palavras-chave: Agostinho. Cícero. Estoicos. Paixões. Alma. Virtude.

Bibliografia

AGOSTINHO. *A Cidade de Deus*. Vol. II. Tradução de J. Dias Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1993.

APULEIO. *Opusculs philosophiques. Fragments: Du Dieu de Socrate – Platon et sa doctrine – Du monde*. Tradução de Jean Beaujeu. Paris: Les Belles Lettres, 2022.

AULO GÉLIO. *Noites Áticas*. Tradução de José R. Seabra F. Londrina: Edue, 2010.

BERMON, E. La théorie des passions chez saint Augustin. In: BESNIER, B.; MOREAU, P.-F.; RENAULT, L. (éds.). *Les passions antiques et médiévales*. Paris: P.U.F., 2003. p. 173-197.

BOUTON-TOUBOULIC, A.-I. Affectus sunt, amores sunt: saint Augustin ou les passions revisitées. In: BOEHM, I.; FERRARY, J.; FRANCHET D'ESPÈREY, S. *L'Homme et ses Passions. Actes du XVIIe Congrès international de l'Association Guillaume Budé organisé à Lyon du 26 au 29 août 2013*. Paris: Les Belles Lettres, 2016. p. 483-498.

BRACHTENDORF, J. Cicero and Augustin on the Passions. *Revue d'Études Augustiniennes et Patristiques*. Paris, 1997, p. 289-308.

CÍCERO. *Discussões tuscianas*. Tradução de Bruno Fregni Bassetto. Uberlândia: EDUFU, 2012.

SAXCÉ, A. *Saint Augustin et la langue des affects*. Paris: Vrin, 2024.